

6

A formação do profissional jornalista na sociedade contemporânea

Paula Melani Rocha ¹
Gabriela Zauith ²

1 Docente na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e pesquisadora do Labjor/UNICAMP. Pós-doutora em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal). Cientista social pela USP e jornalista pela Facasper. Mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela UFSCar. Email: paulamelani@netsite.com.br. Fone: 055-42-91045935. End. Rua Rodrigues Alves, 554, apto. 54. Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

2 Jornalista pela Universidade de Ribeirão Preto e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos. Ganhadora do Prêmio Lígia Averbuck 2008, do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Email: gabizau@terra.com.br. Fone: 055-16-9796-0542. Rod. Washington Luís, km.235. São Carlos, São Paulo, Brasil.

Resumo	A informação desempenha importante papel na sociedade global e o jornalista deve primar pela qualidade da produção desta informação. O objetivo deste estudo é contribuir na discussão sobre o jornalismo na contemporaneidade, em especial, o ensino da produção jornalística na formação do profissional. O tema abrange a prática e a epistemologia do jornalismo; as novas tecnologias e a produção de conhecimento; e a importância do ensino sistemático e institucionalizado do jornalismo incluindo o estudo em jornalismo científico.
Palavras-chave	Ensino de Jornalismo; Sociedade Contemporânea; Produção Jornalística; Jornalismo Científico.
Abstract	La información desempeña un papel importante en la sociedad global y el periodista debe tener primacía de la calidad de la producción de esta información. Este estudio tiene como objetivo contribuir a la discusión del periodismo contemporáneo, especialmente la enseñanza de la formación periodística en la producción. Se trata de un debate sobre la epistemología de la práctica del periodismo; las nuevas tecnologías y la producción de conocimiento; la importancia de la enseñanza sistemática e institucionalizada del periodismo incluido el estudio del periodismo científico.
Keywords	Enseñanza del periodismo; Sociedad Contemporánea; Producción periodística; Periodismo Científico.

A globalização tem como característica principal uma sociedade articulada em uma rede informatizada, movida pelos meios de comunicação com trocas de informações locais, regionais e internacionais. A maioria das sociedades contemporâneas pode ser considerada centrada e dependente da mídia para construção do conhecimento público, o que possibilita a tomada de decisões - mais do que da família, escola, igrejas, sindicatos e partidos políticos (PEZZO, 2008). Os meios de comunicação exercem, assim, papel fundamental na dinâmica desta sociedade e o jornalismo está inserido ativamente neste contexto.

O jornalismo contemporâneo iniciou no século XX uma fase de transformações, motivadas não apenas pela introdução de novos meios de comunicação, mas também pela queda de regimes não democráticos, pelas características da sociedade de massa e pelo desenvolvimento de novas tecnologias. As distâncias de tempo e espaço tornaram-se mais flexíveis na comunicação. Para Neveu (2005, p.115), o jornalismo, em muitos países, desenvolveu-se de forma excepcional nos últimos vinte anos:

O desenvolvimento da tecnologia no interior das redações e a chegada do multi-mídia redefiniram as competências profissionais, ameaçando banalizar o jornalismo num continuum das profissões da comunicação. A escalada dos imperativos comerciais no seio dos grupos de comunicação social fragilizou a autonomia do trabalho jornalístico. Estas evoluções foram acompanhadas de atentados aos princípios deontológicos, facto que contribuiu para uma degradação da imagem social dos jornalistas.

O autor mostra que a profissão não assistiu passivamente a estas evoluções. Cada país e cada região administraram esta relação tensa entre pressão comercial e distância reflexiva de acordo com suas especificidades e dinamismo frente às condições encontradas.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o jornalismo na contemporaneidade, focando no ensino do jornalismo no Brasil, como se processa a construção do conhecimento do jornalista fundamentada na produção jornalística e no jornalismo científico. Propõe-se definir produção jornalística; contextualizar a sociedade contemporânea e sua relação com a produção jornalística e o jornalismo científico; discutir a relação entre epistemologia e prática e como as novas tecnologias e práticas geram a produção de conhecimento; analisar a importância do ensino sistemático e institucionalizado no jornalismo, e por último, desenhar uma perspectiva do jornalismo científico e sua inserção nas universidades brasileiras.

A última etapa contém dados de uma amostragem de 10 cursos de jornalismo do Brasil, os quais participaram do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) de 2006. Na amostra são utilizadas cinco instituições públicas e cinco particulares distribuídas por

diferentes regiões do país. Porém nem todas as instituições participam do ENADE, alguns alunos que não aprovam esse critério de avaliação não participam da prova, alterando o resultado final da classificação.

Ao todo foram 268 instituições inscritas na prova de jornalismo do ENADE/2006. Contudo, este número não reflete o universo das escolas de jornalismo do país. Segundo dados do Censo do Ensino Superior, referente ao ano de 2003, 443 instituições de ensino ofereciam o curso de jornalismo, sendo 74 públicas e 369 privadas (ROCHA & SOUSA, 2008).

O artigo proposto não entra diretamente no mérito da discussão sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista, mas pontua algumas reflexões sobre o tema. Em junho de 2009, o Supremo Tribunal Federal votou pela não-obrigatoriedade da graduação em jornalismo para exercer a profissão. Porém, não há um consenso entre pragmáticos e acadêmicos sobre o assunto. Um ano depois uma comissão composta especialmente para analisar a questão votou a favor da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. A polêmica irá para o Congresso Nacional que terá o poder de decidir esta questão.

O estudo aborda o jornalismo como produtor e reprodutor de conhecimento. Nesta perspectiva, considera-se importante a formação específica em jornalismo para o exercício da profissão. Cabe, assim, uma reflexão em dois campos específicos: produção jornalística e jornalismo científico.

Esta discussão é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida junto ao Labjor/UNICAMP com apoio da FAPESP, que analisa o conhecimento no exercício do jornalismo e na formação dos profissionais, considerando as transformações históricas, principalmente a relação da profissão com a sociedade na qual está inserida.

PRODUÇÃO JORNALÍSTICA: UMA BREVE CONCEITUAÇÃO

O jornalismo e a sociedade estão ligados. De acordo com Bourdieu (1997), o jornalista é um funcionário da humanidade, sua função é manter a sociedade informada. O processo de produção da notícia é o mesmo em qualquer localidade ou veículo e o compromisso do jornalista é para com o público.

Entende-se por produção jornalística o processo descrito por Traquina (2005) que envolve desde a seleção dos acontecimentos até a construção final da notícia. Nestas etapas há um conceito chave para o jornalismo, o qual corresponde aos valores-notícia. O autor, fundamentado em Wolf, mostra que os valores-notícia estão presentes em todo o processo da produção jornalística, divididos em grupos:

a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta dos aconteci-

mentos em termos de sua importância e interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2005, p.78).

Em cada uma destas fases do processo há diferentes categorias de valores-notícia. Entre os critérios substantivos na seleção estão: notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito (controvérsia) e infração (escândalo). Entre os critérios contextuais, também na seleção, estão: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso. A construção envolve os seguintes valores-notícia: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância. Traquina (2005) acrescenta os valores-notícia segundo a concepção da empresa jornalística, a linha editorial do veículo e a própria organização jornalística da empresa referente à linha de produção.

Para Traquina (2005), embora o leque de valores-notícias seja amplo e o conteúdo das categorias possa mudar de acordo com o tempo, momento histórico e espaço (localidade), temas que envolvem catástrofes, fatos inusitados, guerra, violência, celebridade e morte se repetem ao longo da história do jornalismo.

O leque de valores-notícia é vasto; a paleta tem inúmeras cores. Mas como foi sublinhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, as diferenças mais evidentes escondem semelhanças profundas: os produtos jornalísticos são "muito mais homogêneos do que se pensa" (TRAQUINA, 2005, p.95).

Dentre os valores-notícia, a ciência possui um grande apelo ao público com notícias de pesquisas para cura de doenças como o câncer, novos medicamentos, pesquisas sobre células-tronco e alimentos transgênicos. De acordo com Chaparro (2003), a ciência precisa do jornalismo assim como o jornalismo precisa da ciência. A ciência perde sentido se não puder socializar o conhecimento que produz e deveria aproveitar a capacidade difusora do jornalismo e a eficácia da linguagem jornalística. Os fatos científicos devem ser noticiados, "pela estratégia narrativa do relato, pela capacidade de contextualizar os fatos e pela difusão simultânea em larga escala, o jornalismo dá atributos de discurso aos acontecimentos e, como discurso os socializa". Quem faz jornalismo científico responsável sabe que a criatividade jornalística não pode mutilar o discurso científico, e sim acomodá-la em esquemas narrativos (CHAPARRO, 2003, p.116).

A preocupação deste artigo é com os procedimentos que o jornalista deva seguir no processo de produção jornalística no exercício diário da profissão, independente do perfil do público e do veículo. Verificar se há uma preocupação com a epistemologia e a prática na construção

do conhecimento do jornalista, para capacitá-lo a atuar na sociedade globalizada e em rede, com profissionalismo. A ênfase em jornalismo científico deve-se justamente por ser um tema relevante na sociedade contemporânea.

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Da imprensa à Internet foram aproximadamente cinco séculos de história, envolvendo transformações políticas, econômicas, sociais, culturais, científicas e tecnológicas. Com o advento da internet, o processo comunicacional deixou de ser linear, considerando o emissor, a mensagem e o receptor. Comunicar deixou de ser apenas informar e passou a significar uma troca. Enquanto informar é produzir e transmitir mensagens, a comunicação implica um processo de apropriação, de relação entre emissor, mensagem e receptor. É estar atento ao receptor, às condições em que ele recebe, aceita ou recusa a mensagem. Na comunicação o receptor é ativo e livre (ROCHA & SOUSA, 2008).

A aldeia global tornou-se realidade, surgiram novos veículos de comunicação e suas convergências. A mídia rompeu fronteiras e a internet democratizou a informação. Wolton (2006) ressalta a importância de perceber a diversidade dentro da globalização. Na sociedade contemporânea tornou-se difícil identificar se o receptor absorve a mensagem que realmente foi emitida pelo emissor. A mesma mensagem endereçada a milhares de pessoas não é recebida da mesma maneira por todas elas. Não há um receptor universal. "Quanto mais as mensagens se globalizam, mais as diferenças culturais da comunicação se afirmam" (WOLTON, 2006, p.17).

O jornalismo é uma atividade intelectual e não tecnicista. As transformações sociais e o advento da tecnologia fazem parte do seu mundo de trabalho. Cabe ao jornalista entender a sociedade na qual atua, conhecer o perfil do público, e, também, utilizar e usufruir da tecnologia no seu exercício diário. Este contexto deve ser percebido pelo profissional, não como um mero acaso ou aparato técnico, mas sim fundamentado em conhecimento. Traquina (2005, p.190) define os jornalistas como uma comunidade transnacional, espalhada pelo mundo, que partilha uma "cultura noticiosa comum": "(...) Os dados empíricos apontam para o fato de que os jornalistas partilham, com variações de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional, de tal modo que a tribo jornalística é transnacional".

Além da diversidade do público, outra característica que norteia a sociedade em rede é a agilidade da divulgação da informação, o que afeta diretamente a dinâmica da concorrência entre as empresas de comunicação e os pares profissionais: a busca pelo furo jornalístico. O tempo sempre foi e ainda é uma das principais preocupações do jornalista. O

relógio é o seu termômetro diário, e aliado, na contemporaneidade, à concorrência frenética. "O fator tempo define o jornalismo, como exprime Weaver (1975/1993), como "relatos atuais sobre acontecimentos atuais". Mais, o fator tempo condiciona todo o processo de produção das notícias, porque o jornalismo é marcado por horas de fechamento" (TRAQUINA, 2005, p.37).

A relação entre ciência e jornalismo também possui a variável do tempo. Enquanto a C&T decorrem de processos de longa maturação e que, portanto, não estão condicionadas à obtenção de resultados a curtíssimo prazo, a Comunicação e o jornalismo em particular, dependem da coleta e da circulação rápida de informações. Esta distinção provoca conflitos, já que, movidos por intenções distintas, tende-se a salientar o processo de divulgação dos resultados de pesquisa (BUENO, 1998).

Segundo Epstein (1998, p.66), a mídia em geral não tem interesse em publicar conclusões baseadas em dados preliminares: as ignora ou as transforma em "indicações verossímeis". Este conflito entre a necessidade de informar o público sobre potenciais riscos ou benefícios à saúde, entre a busca de manchetes e a veracidade das informações, tem sua raiz nos diferentes ethos da cultura dos cientistas e dos jornalistas. "É uma problemática que intercepta os diferentes conceitos, valorizações das 'novidades' e os diferentes tempos operacionais dos cientistas e dos jornalistas, mais longos os primeiros e mais curtos os segundos".

No procedimento científico, quando as observações ou experimentos contradizem uma hipótese ou a "falsificam", como diria Popper, elas devem ser publicadas com o mesmo empenho que acompanha o anúncio dos resultados confirmados. Na verdade, as hipóteses não confirmadas morrem no limbo da comunidade científica e raramente chegam ao conhecimento do público. Por outro lado, em temas ligados a saúde, resultados preliminares ainda não comprovados são frequentemente publicados na imprensa diária. Dada a reconhecida necessidade de comunicar dados preliminares ao público, e também o fato de que esta comunicação pode não obedecer aos cânones da pesquisa científica, gera-se a ideia da incompetência ou sensacionalismo da mídia (EPSTEIN, 1998, p.66).

SIMBIOSE ENTRE EPISTEMOLOGIA E PRÁTICA

Não se nasce jornalista, parafraseando a escritora Simone de Beauvoir, torna-se jornalista. O jornalismo não se caracteriza em uma relação dicotômica e sim complementar entre teoria e prática. Ele está intrinsecamente relacionado ao desempenho técnico, mas também ao compromisso ético e humanístico. Fidalgo (2008, p.11) mostra que no ato do fazer também se desenvolve um saber "a investigação pode nascer da própria prática e ser reclamada por ela". O conhecimento também pode nascer do estudo da prática na busca de aprimorá-la ou conceituá-la. O autor argumenta sobre a importância da prática na aprendizagem do jornalismo, não apenas como um conjunto de técnicas mecânicas

que reproduzem atividades passadas, mas como um "saber profissional" com dimensões reflexivas.

É nesta logística que pode ser pensado o processo de apuração da notícia. Uma informação mal apurada gera uma informação errada, que na sociedade em rede pode ter grandes repercussões, "(...) a disciplina de verificação é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte" (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004, p.114). No entanto, os autores mostram que os métodos de apuração e verificação da cultura jornalística foram aprendidos na prática e não são generalizados nem sistemáticos. Eles não são transmitidos na escola ou nas redações pelos superiores.

Para Pereira Junior (2006, p.71) a apuração e a investigação da informação são o que diferenciam o jornalismo da literatura.

A notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações. Mas, como toda matéria é calcada em mediações e discursos (entrevistas, relatos, interpretações de documentos, provas e contraprovas) uma voz anularia a outra, caso não houvesse evidência "consistente".

A notícia não espelha a realidade. Ela é uma construção da realidade. A apuração implica na verificação dos fatos, o que não significa objetividade ou a busca da verdade cartesiana. A realidade não é a matriz da notícia e sim sua percepção. O jornalista é um contador de histórias reais e ele depende de interlocutores, "produtores" de informação, que auxiliam na construção desta realidade. Para que a construção da realidade torne-se o mais próximo possível do que realmente aconteceu, o jornalista deve seguir alguns procedimentos nos processo de apuração da informação, que devem ser sistemáticos e com fundamento.

Um dos objetivos do plano de ação é buscar, o quanto for possível, o equilíbrio e a isenção da cobertura da notícia, estabelecendo uma sistematização para o processo de apuração. A isenção e o equilíbrio passam a ser vistos como técnicas, ou recursos, para contribuir com os jornalistas no desenvolvimento e verificação das notícias (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004). É válido lembrar que o jornalista, segundo a perspectiva da representação social, também está inserido na sociedade e é formado por valores e representações sociais, que mesmo inconscientes, são reproduzidas no exercício diário da profissão.

Para Bourdieu (1989), a história do indivíduo é a especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe; ele pode ter marcas particulares, mas se remete ao estilo comum de seu grupo, movido tanto pela conformidade como também, pela diferença que constitui todo o "modo". Para ele, o poder simbólico está presente em todas as sociedades e situações sociais, ele é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos, mesmo não querendo, e dos que o exercem.

[...] o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma illocutionary force mas que se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura de campo em que se produz e se reproduz a crença (BOURDIEU, 1989, p.11).

Uma forma de amenizar a "angulação do repórter" apontada por Kovach & Rosenstiel (2004) é a transparência para com o leitor sobre o trajeto percorrido pelo repórter. O interessante é informar as condições da fonte, pois isto possibilita ao leitor uma melhor interpretação do relato e uma maior compreensão de como a notícia foi construída.

O processo de apuração demanda tempo, visto pelas empresas de comunicação como um alto custo. A internet facilitou o acesso aos dados, por outro lado, ela é um facilitador da prática do mau jornalismo, pontualmente na fase da apuração.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA

Na literatura internacional, o alemão Tobias Peucer discutiu o jornalismo como conhecimento em 1690, na sua tese "Os relatos jornalísticos", defendida na Universidade de Leipzig. Ele comparou o relato jornalístico com o relato histórico, a partir das categorias filosóficas do singular, particular e universal. Peucer também discutiu aspectos atuais como o conceito de noticiabilidade, a ética profissional, a mercantilização da informação e a relação com as fontes (PEUCER, 2004).

Na primeira metade do século XX, Otto Groth, defendeu o reconhecimento da "ciência jornalística", quando revelou que o exercício diário do jornalismo exige uma metodologia científica no desenvolvimento de uma reportagem, passos que se repetem independente da sociedade e da sua cultura específica. O jornalismo utiliza veículos que materializam idéias, com vida e destinos próprios, usufruindo de uma estrutura e recursos humanos. O que muda é o conhecimento produzido pelo jornalismo e não as características dessa atividade: periodicidade, atualidade, universalidade e difusão (ROCHA & SOUSA, 2008).

Luiz Beltrão foi um dos primeiros jornalistas brasileiros a defender o conhecimento teórico para o exercício da profissão, na década de 60. Ele criou o curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco. Beltrão pensava o jornalismo como difusor de conhecimento (MARCOS DE MELO, 2006).

Adelmo Genro Filho, jornalista brasileiro, defendeu uma teoria para o jornalismo, fundamentada numa ciência própria (GENRO FILHO, 1987). O autor fez uma revisão das abordagens teóricas (funcionalismo, indústria cultural, marxismo) e práticas do jornalismo, focando os limites das teorias propostas, as quais ilustravam apenas as técnicas dessa

3 INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação); SBPfor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo); ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación); FNPI (Fórum Nacional de Professores de Jornalismo).

atividade e a falta de uma reflexão por parte dos profissionais sobre o exercício diário da profissão. Nesta dualidade, o maior prejudicado era o próprio jornalista. Genro Filho (1987, p. 3) propõe ao jornalismo um papel revolucionário: "o de ser uma forma de conhecimento que, embora historicamente condicionada pelo capitalismo, apresenta potencialidades que ultrapassam esse modo de produção". Ele procurou mostrar que o jornalismo é uma forma de conhecimento com base na indústria moderna, mas também faz parte da relação entre os seres humanos e, assim, pode estar presente em qualquer sociedade futura, independente do seu modo de produção.

O ensino do jornalismo na sociedade da informação foi discutido por Meditsch (2007). O autor mostra que existem pelo menos quatro séculos de trabalho intelectual do jornalista com a informação. Neste período, o profissional desenvolveu métodos, técnicas e deontologia para o processo de produção da notícia.

Meditsch (2007) aponta que o Brasil seguiu algumas tendências americanas, como a transformação em cursos de Comunicação Social e a formação do profissional polivalente. Estas tendências tiveram o apoio das empresas de comunicação e também da academia, que buscavam reduzir custos, principalmente do ensino particular. A boa formação do jornalista e sua independência não são vistas com bons olhos, principalmente pelas empresas de comunicação.

Há um movimento pelo renascimento do jornalismo na academia preocupado em formar um bom profissional e pela FENAJ, com apoio no programa de qualidade de ensino. Formaram-se grupos de pesquisa que estudam o jornalismo e suas interfaces (INTERCOM, ALAIC, SBPfor, FNPI³) e surgiram publicações de revistas acadêmicas aprimorando e fomentando as discussões (MEDITSCH, 2007).

O governo também criou mecanismos para garantir a qualidade de ensino dos cursos. Em 2001, o Ministério da Educação, por meio do Conselho Nacional de Educação publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais de vários cursos entre eles, os cursos de Comunicação Social. O texto informa que o perfil do egresso tem que ser capacitado a atuar em diferentes veículos e funções, entender os processos sociais e "utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso", entre outros aspectos. O tópico que trata especificamente do perfil do egresso do curso de jornalismo diz que o discente tem que ser preparado para produzir informações, exercer as funções do jornalismo bem como fazer interface com áreas relacionadas ao jornalismo, no campo econômico, social e cultural. Quanto à competência e habilidade em jornalismo, o texto delimita as práticas da profissão como formulação da pauta, entrevista, relacionamento com fontes, desenvolvimento de trabalho em equipe e de processos de produção jornalística, compromisso com a cidadania no exercício da profissão, entre outros. O interessante é a preocupação em incluir a prática dentro do Projeto Pedagógico

gico, espelhando assim a importância da atividade prática na formação do jornalista (ROCHA & SOUSA, 2008).

As instituições de ensino vêm acompanhando estas discussões e transpondo para as matrizes curriculares disciplinas com conteúdo sobre o processo de produção da notícia e jornalismo científico.

Em 2009, o MEC (Ministério da Educação), juntamente com uma comissão constituída pela Secretaria de Educação Superior (SESU), analisou as diretrizes curriculares do curso de jornalismo, com o intuito de rever e avaliar a coerência e atualidade das diretrizes estabelecidas. A Comissão foi presidida pelo professor José Marques de Melo e a proposta era apresentar um parecer com novas sugestões para incrementar na matriz curricular do curso de jornalismo. Um dos pontos levantados foi inserir o estágio regulamentado.

Dentre 10 instituições pesquisadas no Brasil, em 2007 (ROCHA & SOUSA, 2008), seis oferecem disciplinas com conteúdo específico em técnicas de apuração, verificação e reportagem. A nomenclatura muda de acordo com a instituição, mas as ementas são basicamente semelhantes. Isto não significa necessariamente que os cursos das outras quatro instituições não ensinam apuração e verificação, pois o conteúdo pode estar diluído nas disciplinas específicas sobre cada veículo: televisão, rádio, Internet e impresso. O problema é que em sua grande parte, as disciplinas abordam apenas técnicas e não um conhecimento intelectual sobre os mecanismos práticos. O fato de 40% da amostragem não ter uma disciplina específica voltada para o processo de construção da notícia, revela que esse processo não é visto como prioritário na formação do jornalista.

O que se percebe, de maneira geral, é que não há uma sintonia entre a academia e o exercício da profissão, é como se fossem duas esferas independentes: os pragmáticos e os teóricos. Este distanciamento deve ser rompido por meio de um diálogo maior. Uma das metas, como aponta Meditsch (2007, p.58) é "construir teorias e metodologias próprias para sistematizar, criticar (por dentro) e aperfeiçoar as competências (conhecimentos, habilidades, atitudes) da prática".

Mesmo encontrando em trabalhos empíricos cursos de jornalismo que oferecem disciplinas sobre apuração e técnicas de reportagem, isso não significa necessariamente que o conteúdo oferecido aos alunos envolve uma "epistemologia da prática" ou como diz Fidalgo (2008) um "saber profissional". O levantamento em dez cursos de Jornalismo brasileiros demonstrou que não há um consenso sobre a necessidade de uma disciplina específica sobre produção jornalística, portanto, a produção jornalística não é vista como algo complexo e fundamental.

Quanto à disciplina de jornalismo científico, dentre as 10 instituições citadas (ROCHA & SOUSA, 2008), 60% não possuem a disciplina em sua grade, o que gera um descompasso entre a prática jornalística, a formação do jornalista. As quatro instituições apresentam em seu cur-

riculo a disciplina referida com a nomenclatura "Jornalismo Científico". Sendo destas, duas em caráter de disciplina optativa e duas como específicas, sendo uma delas com Jornalismo Científico I e II.

FORMAÇÃO EM JORNALISMO CIENTÍFICO

A ciência ocupa um lugar proeminente na sociedade contemporânea. A investigação e o desenvolvimento das ciências e das tecnologias exercem influência no modo de vida e de trabalho, nas concepções de espaço e tempo, nas capacidades de intercâmbio e de comunicação em todo planeta; nas dimensões sociais na economia, na política, na comunidade (sociedade civil), nos domínios institucionais especializados (saúde, educação, leis, bem-estar, seguridade social), na cultura e valores, como indústria cultural, crenças, normas e comportamentos (VOGT, 2005, 2006).

É fundamental a institucionalização da formação do jornalista, e em especial com a disciplina de jornalismo científico (JC), pouco difundida no Brasil. Calvo Hernando, afirma que se quisermos realmente uma sociedade democrática, é preciso que todos entendam a ciência, caso contrário, não alcançaremos a democracia cultural (CALVO HERNANDO).

O acesso às informações de C&T é fundamental para socializar o conhecimento, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual a população tenha condições de influir em decisões e políticas ligadas a C&T. A formação de uma cultura científica, principalmente como o Brasil, não é um processo simples e requer esforços de jornalistas e divulgadores para que o público se beneficie da informação científica e tecnológica (OLIVEIRA, 2005).

De acordo com Marques de Melo (2006), o jornalismo científico deve ser uma atividade principalmente educativa, dirigida à grande massa da nossa população, e não apenas à sua elite. Deve despertar o interesse pelos processos científicos e não apenas pelos fatos isolados e seus personagens. Discutir a política científica, conscientizando a população que paga impostos para participar de decisões sobre o destino de recursos. O autor cita algumas características funcionais do jornalismo científico: 1) mitologia da ciência - coloca o cientista no "topo do Olimpo"; 2) neutralidade da ciência; 3) preconceito de ciência - o jornalismo científico é praticado ligados às ciências básicas, e aplicadas, deixando de lado as ciências humanas (MARQUES DE MELO, 2006, p.116-117).

A pesquisa de Caldas; Souza et al (2006), mostra que, dos 205 cursos de Graduação em Jornalismo do Brasil, 37 contam com alguma atividade exclusivamente relacionada ao JC, sendo 13 públicas e 24 privadas. Das 37 instituições, 33 integram as grades curriculares de disciplinas dos cursos, sendo 20 obrigatórias e 13 eletivas, optativas ou complementares. O restante (4) são atividades práticas. As instituições que ofe-

recem atividades relacionadas ao JC estão concentradas nos estados de São Paulo (sete) e Bahia (cinco).

Para as para disciplinas de Jornalismo Científico, Caldas; Souza et al (2006) propõe estudar a relação histórica entre ciência e divulgação; promover o entendimento da Ciência e do Jornalismo como construções sociais; estabelecer ligações com a Sociologia e a Filosofia da Ciência; fortalecer bases de compreensão do método científico, tirar o foco dos resultados e redirecionar para a compreensão dos processos e das rotinas de produção; bem como a construção de esforços de renovação de linguagem e laboratórios de experimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo é contribuir na reflexão sobre a formação dos jornalistas, com especificidades próprias, respeitando os princípios éticos e o compromisso com a dinâmica da sociedade. A meta é transportar esta dicotomia entre ciência e prática. O jornalista tem que desenvolver conhecimentos e utilizar a tecnologia como uma aliada.

A onipresença da ciência na sociedade sinaliza a construção de novas relações e modos de divulgação entre o conhecimento científico e o público. O acesso às informações de C&T é fundamental para o exercício da cidadania. A formação em jornalismo científico deve capacitar o jornalista de tal modo que ele compreenda a construção do conhecimento científico para, contribuindo para popularização da ciência, sob um viés sócio, econômico e político.

A academia tem o desafio de primar pelos cursos de jornalismo, desenvolvendo pesquisas e projetos de extensão para melhorar o exercício da profissão. Entre os desafios, está o de desenvolver o "saber profissional", produzir e sistematizar um conhecimento jornalístico na produção jornalística e no jornalismo científico. O jornalismo, assim, tem especificidades próprias envolvendo conceitos e teorias, os quais devem ser inseridos pela academia. Essa, por sua vez, deve estar à frente do mercado, para formar profissionais qualificados a acompanhar transformações sociais e inovações tecnológicas. A discussão não encerra neste artigo, mas sim procura contribuir com as reflexões sobre o ensino em jornalismo.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: Edições Omnia, 2006.
- BORDIEU, Pierre. **Tradução Maria Lúcia Machado**. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico: resgate de uma trajetória**. Comunicação e Sociedade, São Paulo, n. 30, 1998, pp. 209-245.
- CALDAS, Graça; SOUZA, Cidival Morais de (et al). **O desafio da formação em Jornalismo Científico**. Comunicação local: da pesquisa à produção: actas do Congresso Internacional Lusocom 2006, Santiago de Compostela.
- FIDALGO, José. **Jornalistas e saberes profissionais**. Trabalho apresentado no I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0452-1.pdf> >. Acesso em: 10 fevereiro 2010.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- EPSTEIN, Isaac. **Comunicação da ciência**. São Paulo em perspectiva, 12(4), 1998.
- HERNANDO, Manuel Calvo. **La divulgación de la ciencia, un instrumento al servicio de la democracia y el equilibrio cultural**. Disponible em: <http://www.manuelcalvohernando.es/articulo.php?id=26>. Acesso em: 5 março 2010.
- KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração editoria, 2003.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. **Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.1, pp. 41-62, abr./jul., 2007.
- MARQUES DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo: Identidades Brasileiras**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.
- NEVEU, É. **Sociologia do Jornalismo**. Portugal: Porto Editora Ltda., 2005.
- OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PEUCER, Tobias. **Os relatos Jornalísticos**. Tradução Paulo da Rocha Dias. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, Editora Insular, v. I, nº2, pp. 13-30, 2004.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Métodos de

investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006.

PEZZO, Mariana. **Cultura Científica**. In HOFFMANN, Wanda Aparecida Machado e FURNIVAL, Ariadne Chloë Mary (orgs). Olhar: Ciência, Tecnologia e Sociedade. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH/UFSCar, 2008.

ROCHA, Paula Melani & SOUSA, Jorge Pedro de. **Rumos do jornalismo na sociedade digital: Brasil e Portugal**. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis; Editora Insular, v. II, 2005.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

VOGT, Carlos (org). **Cultura Científica: desafios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006.